

## O SARCASMO PEDAGÓGICO NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Luana Graziela da Cunha (PIC-UEM), Glaciane Cristina Xavier Mashiba  
(orientadora) glacianemashiba@brturbo.com.br

Universidade Estadual de Maringá/ Centro de Ciências Humanas, Letras e  
Artes/Maringá, PR

**Área Educação**  
**Subárea Ensino-aprendizagem**

**Palavras-chave:** sarcasmo pedagógico, autoritarismo, educação.

### Resumo:

A investigação tem por objetivo analisar de que maneira o sarcasmo pedagógico está presente na relação professor-aluno e suas consequências para o processo de ensino e aprendizagem, bem como na vida dos sujeitos que o presenciam. Para isso, nos pautaremos em Zuin (2008), buscando compreender algumas características do professor autoritário, bem como estabelecer a diferença entre autoridade e autoritarismo. A pesquisa bibliográfica incidirá sobre leituras e análises de textos e livros que abordam o sarcasmo pedagógico. A sociedade sofreu transformações ao longo dos anos, porém não deixou de ser opressiva, por muitas vezes acredita-se que a escola considerada fria foi superada, todavia, ao refletir sobre a maneira que a frieza burguesa está presente na sociedade, é possível perceber que ainda existe a escola fria, opressora, porque de acordo com os autores que fundamentam este estudo, a base da sociedade burguesa não foi alterada mesmo diante das transformações.

### Introdução

Historicamente, o professor é visto como a figura autoritária que exige a disciplina do aluno. Na “Grécia antiga, na Atenas do quinto século antes de cristo, o aluno era educado por um escravo vencido no campo de batalha” (ZUIN, 2008, p.39). Mesmo com todas as transformações sociais, temos uma sociedade organizada por relações de dominação e poder, característica do modo capitalista de produção, onde há divisões de classes sociais, uma dominando a outra, muitas pessoas da classe privilegiada em posição superior aos da classe menos favorecida, algumas vezes humilhando-as e menosprezando-as. Esse modelo de sociedade propicia a formação de um professor autoritário, que passa a deixar para trás as punições físicas e utiliza das punições psicológicas.

## Revisão de literatura

Esta investigação incide em análise bibliográfica, que de acordo com Severino (2002) “constitui um acervo de informações sobre livros, artigos e demais trabalhos que existem sobre determinados assuntos, dentro de uma área do saber”. Ao iniciar a pesquisa o contato com o livro é superficial, no decorrer das leituras são feitos apontamentos mais criteriosos. A pesquisa bibliográfica pode ser realizada a partir de leituras de livros, artigos, resenhas ou capítulos isolados.

Foram realizadas leituras de autores clássicos como Theodor Adorno em suas obras Educação e Emancipação (1970) e Max Horkheimer Dialética do Esclarecimento (1985), e do autor contemporâneo Andreas Gruschka, em sua obra “Frieza Burguesa e Educação” que discute os aspectos que influenciam a frieza na sociedade, essa que contribuiu para que os homens tenham corações frios, uma sociedade formada com indivíduos com pensamentos egoístas e individualistas, pessoas que pensam apenas em seu bem-estar, como afirma Gruschka (2014) “a frieza deve, sim, ser atribuída aos homens, mas muito mais aos fundamentos da reprodução material na sociedade burguesa, da qual ela resulta”.

## Resultados e Discussão

Há um discurso que a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente as punições físicas deixaram de ser aceitas em sala de aula. Analisemos a história: a primeira lei que proibiu o uso de castigos físicos no âmbito escolar foi ainda no Brasil Império em 15 de outubro de 1827. A grande questão é que criar uma lei não garante sua efetivação na prática, para que as pessoas se adequassem às mudanças propostas foram necessários muitos anos.

A violência estava enraizada nas relações sociais e consecutivamente na escola, professores afirmavam que não sabiam como prosseguir com sua atuação sem utilizar de punições físicas. Eles eram advindos de uma formação pedagógica disciplinadora fisicamente e de uma sociedade que acreditava que os castigos físicos eram essenciais. Ou seja, para se alcançar uma mudança precisava muito mais que apenas a promulgação de uma lei.

O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova em 1932 foi um grande marco que contribuiu para a superação dos castigos físicos nas escolas, porque dentre as suas propostas de mudança no ensino encontrava-se a superação dessas atitudes.

A superação dos castigos físicos aconteceu de forma gradativa e assim foi sendo substituída por castigos de cunho moral. Desse modo, os professores não agrediam os alunos fisicamente, mas, moralmente, o que por vezes gerou mais traumas do que os castigos físicos. Ser humilhado por um professor na frente dos demais alunos de uma sala era um momento tão marcante que não se esquecia facilmente.

Mesmo com as mudanças na sociedade os castigos e opressões não deixaram de existir dentro da escola, de uma pedagogia que utilizava de

castigos físicos à pedagogia que utiliza-se dos castigos psicológicos. Discentes com medo de irem à escola, de realizarem atividades, de lerem em sala, com vergonha pelas humilhações que passaram. Entretanto, a análise acerca do sarcasmo pedagógico não pode ser realizada sem considerar todo o contexto histórico e social que permeia o indivíduo.

A organização de uma sociedade influencia efetivamente nas relações sociais. A divisão de classes sociais contribui para uma relação de poder, onde a classe mais favorecida exerce dominação sob a menos favorecida. Esta relação é refletida na atuação de alguns professores, que realizam suas práticas pautados nessas ideias, onde ele é o que domina o conteúdo e o aluno deve ser totalmente passivo nessa relação, dessa forma, o discente não tem oportunidade de falar e nem expor suas ideias.

O advento da tecnologia contribui para a manutenção da indústria cultural, por permitir a produção em grande escala. Com base no termo Indústria Cultural que Adorno e Horkheimer afirmam que não se tem uma cultura das massas, mas, uma cultura imposta às massas, porque para ser cultura das massas ela deveria ser advinda das massas e não é isso que acontece, essa cultura é criada pela classe dominante nos moldes que ela considera ideal e é imposta à população. Todos os produtos que são impostos às massas têm uma ideologia, é a disseminação de um mesmo padrão, a fim de definir como as pessoas devem ser, delinear qual caminho devem seguir, há efetivação do controle sobre tais pessoas, garantindo poucas possibilidades de superação da dominação. A classe dominada continua a consumir os produtos impostos a ela, contribuindo para que a classe dominante aumente seu capital por conta do lucro com a venda dos produtos.

A produção em massa necessitou do advento de novas tecnologias, que fossem capazes de produzir mais e em menos tempo.

Nessa forma de conduzir a sociedade, a preocupação com a educação é apenas formar indivíduos que atuem no mercado de trabalho de forma mecanizada, sem reflexão e nem questionamento. Em vista disso, nem a escola é um espaço para reflexão crítica, é apenas mais uma forma de fortalecer a ideologia.

Os jovens nascidos em uma sociedade do imediatismo, buscam modelos de autoridade que suprimem suas carências instantâneas, por isso atribuem autoridade a muitas pessoas que são famosas no meio midiático. Portanto, ao atribuir essas pessoas como modelos de autoridade deixam de atribuir autoridade aos docentes, que são aqueles que deveriam ensiná-los a refletir criticamente sobre a realidade da sociedade em que estão.

## Conclusões

Alguns docentes assumem uma prática que inferioriza os alunos por meio do sarcasmo pedagógico. Isto prejudica o discente, porque nesse tipo de relação não há o exercício da consciência racional, ou seja, aquela reflexão crítica que a partir dela tomará suas decisões e por não exercer tal análise

prossegue em uma formação alienada, tornando-se sujeitos conformados com a realidade e a organização imposta pela classe dominante.

Quando o indivíduo não atribui ao professor a autoridade, ele atribui a outras formas imediatistas da sociedade, que não lhe ensinaram a autoridade consciente, oportunizando que a ideologia dominante predomine sobre eles. O meio midiático é também uma maneira de propagação da ideologia dominante sob os dominados. Ao divulgar pelos meios de comunicação em massa qual os produtos estão em voga, influenciam a população para comprem esses produtos, ainda que suas condições financeiras não lhe permitam. Hodiernamente, é preciso resistência e reflexão crítica para superar as imposições da classe dominante, a fim de juntar esforços rumo à emancipação dos sujeitos.

## Referências

ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1970.

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

GRUSCHKA, Andreas. **Frieza burguesa e educação: a frieza como mal-estar moral da cultura burguesa na educação**. – Campinas, SP: Autores Associados, 2014 – (coleção educação contemporânea).

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. – 22. Ed. rev. E ampl. De acordo com a ABNT – São Paulo: Cortez, 2002.

ZUIN, Antônio A. S. **Adoro odiar meu professor: o aluno entre a ironia e o sarcasmo pedagógico**. – Campinas, SP: Autores associados, 2008. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, n. 97)